

Morty pode morrer: liberdade radical, morte programada e subjetividade algorítmica na animação *Rick and Morty* como ficção especulativa

Morty can die: radical freedom, programmed death, and algorithmic subjectivity in the animated series Rick and Morty as speculative fiction

Edson André Pereira Hilário¹

Resumo: E se Rick Sanchez fosse real? E se sua liberdade absoluta, sua indiferença à dor e sua recusa ao vínculo não fossem exageros narrativos, mas manifestações extremas de uma subjetividade já em operação? Este artigo adota a ficção especulativa como metodologia filosófica (Uckelman, 2024) para analisar a série *Rick and Morty* como alegoria crítica do neoliberalismo radicalizado. A hipótese central é que Rick não representa um indivíduo disfuncional, mas o efeito sistêmico de um regime ontopolítico que dissolve o comum em nome da autonomia total. Organizado em quatro blocos interligados, o artigo parte da liberdade como eixo estruturante e analisa seus desdobramentos: a erosão do vínculo social, a necropolítica cotidiana como gestão dos descartáveis, a tecnogestão da experiência por algoritmos e, por fim, a comédia como anestesia do colapso. Em vez de sátira, a série oferece um espelho especulativo — um experimento filosófico que nos obriga a confrontar as implicações de uma liberdade desvinculada do reconhecimento do outro. Não se busca aqui uma leitura moralizante ou uma crítica sociológica convencional, mas uma intervenção conceitual: *Rick and Morty* não projeta uma distopia — ele reconfigura o presente. Se Rick permanece, é porque sua lógica já nos habita. E talvez a pergunta mais perturbadora não seja “e se Rick fosse real?”, mas “e se já fôssemos Rick?”.

Palavras-chave: Ficção especulativa. Neoliberalismo radical. Necropolítica. Tecnopolítica.

Abstract: What if Rick Sanchez were real? What if his absolute freedom, indifference to pain, and refusal of relational ties were not narrative exaggerations but extreme manifestations of a subjectivity already at work? This article adopts speculative fiction as a philosophical methodology (Uckelman, 2024) to interpret the animated series *Rick and Morty* as a critical allegory of radicalized neoliberalism. The central hypothesis is that Rick does not embody a dysfunctional individual, but rather the systemic effect of an ontopolitical regime that dissolves the commons in the name of total autonomy. Structured in four interlinked sections, the article begins with freedom as its foundational axis and explores its consequences: the erosion of social bonds, necropolitics as the management of the disposable, algorithmic technogovernance of experience, and comedy as an anesthetic for collapse. Rather than satire, the series offers a speculative mirror — a philosophical experiment that compels us to confront the implications of freedom detached from recognition of the other. This is not a moralizing reading nor a conventional sociological critique, but a conceptual intervention: *Rick and Morty* does not project a dystopia — it reconfigures the present. If Rick persists, it is because his logic already inhabits us. And perhaps the most unsettling question is not “What if Rick were real?”, but “What if we already were Rick?”

¹ Diretoria de educação em saúde da Prefeitura de Belo Horizonte.

Keywords: Speculative fiction. Radical neoliberalism. Necropolítica. Technopolitics.

Introdução: e se Rick fosse real?

E se o universo de *Rick and Morty* fosse real? E se, em vez de alegoria ou sátira, víssemos ali a realização concreta de uma hipótese política extrema — um experimento especulativo sobre o colapso dos vínculos, da ética e da própria ideia de comunidade? E se Rick Sanchez não fosse apenas um personagem, mas a encarnação plena de um sujeito libertário radical, atravessando um multiverso onde a soberania privada se sobrepõe a qualquer forma de laço?

Essa é a premissa que orienta este estudo: tratar *Rick and Morty* como um mundo possível, logicamente coerente, no qual se realiza a utopia — ou a distopia — de uma liberdade absoluta. A figura de Rick, cientificamente onipotente, emocionalmente impermeável e moralmente indiferente, opera como centro gravitacional de um universo onde a autonomia deixou de ser horizonte e tornou-se fardo, onde os vínculos afetivos são descartáveis, e onde Morty pode, literalmente, morrer — várias vezes — sem que nada precise parar.

A proposta libertária radical, tal como formulada em certos discursos contemporâneos de viés ultraliberal ou anarcocapitalista, prevê a dissolução de qualquer forma de coerção estatal, a plena autorregulação dos sujeitos e a conversão da vida comum em uma sequência de contratos individuais. Nesse horizonte, a liberdade não é mediação, é blindagem — não emancipa; isola. *Rick and Morty*, ao projetar essa lógica em múltiplas escalas, permite vislumbrar suas consequências ontológicas, políticas e existenciais.

Assume-se aqui, portanto, uma abordagem metodológica ancorada na ficção especulativa como forma de pensamento filosófico (Uckelman, 2024). Em vez de interpretar a série como representação de algo exterior, tomamo-la como um dispositivo interno: um mundo-em-si, no qual conceitos como soberania, governança, afeto e descartabilidade podem ser observados em estado de radicalidade. Trata-se menos de analisar uma narrativa e mais de habitar uma hipótese.

A pergunta que se impõe, então, é: o que resta da ética quando a liberdade se realiza sem limites? Para enfrentá-la, mobilizam-se três eixos teóricos principais: a crítica à soberania privada (Brown, 2015), a lógica tecnopolítica da antecipação e da predição (Zuboff, 2019) e a necropolítica da descartabilidade programada (Mbembe, 2003). Tais conceitos permitem

decifrar o que, sob a superfície da sátira animada, se revela como uma filosofia da desintegração.

Neste artigo, argumenta-se que *Rick and Morty* não apenas representa, mas encarna o experimento especulativo de uma sociedade onde a liberdade triunfou sobre qualquer forma de laço. Rick, nesse cenário, não é herói nem vilão — é o sintoma de uma ontologia da indiferença. Morty, por sua vez, é o corpo descartável que permite a manutenção da farsa.

Metodologia: a ficção como hipótese filosófica

Este artigo adota como orientação metodológica a perspectiva da ficção especulativa filosófica, conforme delineada por Sara Uckelman (2024), segundo a qual narrativas ficcionais — especialmente as ambientadas em mundos possíveis radicalmente distintos — podem operar não apenas como alegorias ou metáforas, mas como instrumentos legítimos de indagação ontológica, ética e política. Diferentemente da abordagem representacional, que interpreta obras ficcionais como reflexos simbólicos de estruturas reais, a especulação filosófica parte do princípio de que certos mundos ficcionais devem ser tomados em seus próprios termos: como realidades autônomas, internamente coerentes, nas quais conceitos podem ser testados até seus limites.

Sob tal orientação, *Rick and Morty* é assumido aqui não como simples sátira animada, mas como experimento narrativo extremo que performa — com plasticidade e precisão — a hipótese de uma liberdade radical, desvinculada de qualquer mediação social, política ou afetiva. A série oferece um campo particularmente fértil para esse tipo de abordagem, pois articula, com notável consistência interna, os elementos necessários para se imaginar uma forma de vida em que a soberania individual foi levada às últimas consequências: a abolição do Estado, a eliminação do vínculo, a possibilidade técnica de transitar entre realidades e evitar qualquer responsabilização pelo outro.

A análise desenvolvida neste estudo estrutura-se a partir de três eixos conceituais que se desdobram da hipótese especulativa central — a da realização plena da liberdade como valor absoluto. São eles: 1) o liberalismo radical como estrutura de subjetivação — Rick é interpretado como síntese do sujeito neoliberal extremo, autossuficiente, tecnicamente soberano, emocionalmente impermeável; essa leitura ancora-se nos trabalhos de Wendy Brown (2015) e Jesús Huerta de Soto (2023); 2) a tecnopolítica como dispositivo de controle total — a autonomia ilimitada de Rick depende da mediação técnica, que antecipa e manipula a

realidade sem necessidade de deliberação; aqui, mobiliza-se a crítica ao capitalismo de vigilância formulada por Shoshana Zuboff (2019); e 3) a necropolítica como gestão da indiferença — em um mundo onde o outro se tornou dispensável, a morte não é tragédia, mas função; a presença de Morty como corpo substituível remete à concepção de poder necropolítico desenvolvida por Achille Mbembe (2016).

Cada episódio citado é tratado como fragmento empírico de um universo especulativo. As análises não buscam extrair sentidos ocultos ou alegóricos, mas habitar o interior da hipótese como se ela fosse real, interrogando suas implicações lógicas e afetivas. Assim, a ficção não é apenas objeto — é método. E Rick, mais que personagem, é sintoma encarnado de uma ontologia política possível.

Da autonomia à erosão do vínculo: o liberalismo radical como reinvenção da soberania individual

E se a liberdade deixasse de ser um projeto regulado por vínculos e se realizasse como potência absoluta? E se, ao invés de horizonte partilhado, ela se tornasse um fim em si — sem laços, sem pactos, sem retorno? *Rick and Morty* nos oferece esse mundo possível, não como distopia, mas como cenário operante: Rick, mais do que personagem, é encarnação especulativa do ideal libertário em sua forma mais pura — e mais devastadora.

A liberdade, tal como foi reelaborada no interior do projeto neoliberal, já não remete a um pacto nem a um horizonte comum. Ela se converte em propriedade privada da vontade, performance solitária de um sujeito desimpedido, imune ao laço e blindado contra a alteridade. Rick Sanchez é o corpo dessa mutação: não porque subverte as regras, mas porque as leva ao esgotamento. Sua liberdade é tão absoluta que se torna desabitada — livre de obrigações, de memória, de consequência. E é justamente por isso que ela ameaça dissolver o próprio sujeito que pretende afirmar.

Brown (2015) observa que o neoliberalismo não opera apenas como um conjunto de políticas econômicas; trata-se, acima de tudo, de uma racionalidade normativa que reconfigura todos os domínios da vida social segundo uma lógica de mercado:

O neoliberalismo transmuta todos os domínios e empreendimentos humanos, junto com os próprios humanos, segundo uma imagem específica do econômico. Toda conduta é conduta econômica; todas as esferas da existência são enquadradas e medidas por termos e métricas econômicas, mesmo quando essas esferas não são diretamente monetizadas. (Brown, 2015, p. 10)

Rick não escapa disso: ele a encarna de modo exemplar e sistemático. Seu corpo é laboratório e fronteira. Sua mente, um compilador de probabilidades, não de afeições. Nenhuma de suas ações é vínculo; tudo é cálculo. Nada se estabiliza. Tampouco há espaço para afecção.

Em *Rick Potion #9* (*Rick and Morty*, 2013, T1E6), ao contaminar geneticamente toda uma população, Rick não tenta corrigir o desastre. Ele simplesmente abandona aquela realidade, insere-se em outra, substitui a si mesmo morto, enterra o próprio corpo (literalmente) e segue. Morty assiste, em silêncio. Mas não há tempo para metabolizar. O multiverso, aqui, não expande horizontes: ele anula a consequência. Rick não supera o erro; apenas muda de universo. A tragédia torna-se tecnicamente suprimível. E se a consequência pudesse ser apagada? E se a dor fosse apenas uma coordenada substituível?

Esse modo de existir — radicalmente desvinculado, refratário a qualquer forma de alteridade — ecoa, com desconcertante nitidez, os fundamentos do liberalismo extremo, ou seja, o libertarianismo. Ao propor um modelo em que o Estado desaparece, a regulação é vista como inimiga e a liberdade como valor absoluto, Jesús Huerta de Soto afirma:

Os liberais clássicos cometem o maior erro de sua abordagem: eles veem o liberalismo como um plano de ação política e um conjunto de princípios econômicos, cujo objetivo é limitar o poder do estado ao mesmo tempo em que aceitam sua existência e até a consideram necessária. [...] O libertarianismo é o único sistema que reconhece de modo completo a natureza livre e criativa dos seres humanos, bem como sua capacidade perpétua de internalizar padrões crescentes de comportamento moral em um ambiente que, por definição, ninguém pode se arrogar a si próprio o direito de exercer o monopólio da coerção sistemática sobre terceiros. (Huerta de Soto, 2023, s/p)

E se nenhuma coerção fosse possível — nem mesmo a do afeto? E se toda forma de vínculo fosse lida como risco, e toda forma de presença como intrusão? Rick não apenas adere a essa lógica — ele a radicaliza. Age sem leis, sem culpa, sem história. O outro é sempre um problema. Ou um recurso instrumental.

No episódio *The Old Man and the Seat* (*Rick and Morty*, 2019, T4E2), Rick constrói um espaço sanitário exclusivo, cuidadosamente isolado, no qual possa exercer controle absoluto sobre sua privacidade. A invasão desse espaço por um outro ser desencadeia uma resposta planejada com mecanismos sofisticados de punição emocional. Ainda que se apresente a possibilidade de um vínculo autêntico, Rick recua deliberadamente, reafirmando seu projeto

de isolamento. Nesse contexto, a liberdade absoluta revela seu efeito paradoxal: uma solidão endurecida pela recusa do outro.

Mas não há tragédia nisso — ao menos não na superfície. A solidão de Rick é estética, quase sedutora. *Rick and Morty* expõe, com desconforto calculado, que esse sujeito hiperliberal não produz autonomia — apenas colapso estetizado. Ele não cria futuro: apenas sustenta a repetição de suas próprias fugas. A lógica neoliberal, como argumenta Brown (2015), não destrói o Estado por confronto, mas o implode por dentro — levando junto a imaginação coletiva de mundo:

A substituição da cidadania definida como preocupação com o bem público por uma cidadania reduzida ao *homo economicus* também elimina a própria ideia de um povo, um *demos* que afirma sua soberania política coletiva. (Brown, 2015, p. 39)

Rick não é apenas a falência do laço: é a sobrevivência da potência autocentrada contra qualquer ideia de partilha. Sua liberdade não exige o outro; ela o dispensa. E, nesse gesto, revela não o triunfo do indivíduo, mas a erosão do humano.

E se a liberdade plena implicasse o fim da comunidade? E se a soberania sem mediação, centrada na performance isolada, não apenas recusasse o outro — mas o tornasse descartável? É nesse ponto que a liberdade se aproxima da morte, e o sujeito da técnica se converte em gestor da eliminação.

Necropolítica cotidiana: a descartabilidade programada dos corpos

E se a morte já não fosse tragédia, mas atualização de sistema? E se o outro não precisasse mais ser destruído — bastasse que fosse ignorado, deletado, substituído?

Quando a liberdade se realiza pela via da negação do outro, ela não emancipa — elimina. Rick não apenas sobrevive sem vínculos; ele sobrevive à custa deles. Nesse universo onde nenhuma morte é definitiva e nenhum corpo é indispensável, o outro torna-se função intercambiável. Morty pode morrer — e morre, várias vezes. E esse fato, longe de abalar a narrativa, a alimenta. O multiverso, ao invés de expandir possibilidades, as cancela por excesso. A morte, aqui, não interrompe — opera como engrenagem fria de um mundo onde a soberania decide sem precisar matar, porque já despossuía os corpos de valor.

Em *Rick and Morty*, a corporalidade não é portadora de valor; é item de reposição. A necropolítica, nesse cenário, não é exceção aberrante, mas estrutura banalizada do mundo. Mbembe (2016), ao definir o núcleo da necropolítica, observa:

A expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. [...] Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (Mbembe, 2016, p. 123)

Rick não somente encarna essa lógica — ele a automatiza. Sua soberania multiversal não é jurídica nem ética, mas algorítmica. Muda de realidade como se trocasse de canal. Em *Edge of Tomorty: Rick Die Rickpeat* (*Rick and Morty*, 2019, T4E1), Rick morre sucessivas vezes, sendo replicado por civilizações rivais — fascistas, comunistas, anarquistas — que ele manipula ou extermina sem hesitação. A morte é custo técnico, não interrupção simbólica.

E se o corpo deixasse de ser singularidade e se tornasse versão? E se morrer fosse apenas reiniciar?

Em Morty, o regime da eliminação atinge sua forma mais cruel. Rick morre para persistir; Morty, para ser substituído. Em *The Ricklantis Mixup* (*Rick and Morty*, 2017, T3E7), adentramos a Cidadela: fábricas de Mortys, centros de treinamento, zonas de descarte. Os Mortys são empregados como escudo, força de trabalho ou moeda de negociação. Não há revolta — há função. Ser Morty é ser, estruturalmente, descartável.

Judith Butler (2015), ao interrogar a gramática do luto, indaga:

Sem a condição de ser enlutada, não há vida, ou, melhor dizendo, há algo que está vivo, mas que é diferente de uma vida. Em seu lugar, "há uma vida que nunca terá sido vivida", que não é preservada por nenhuma consideração, por nenhum testemunho, e que não será enlutada quando perdida. (Butler, 2015, p. 32-33)

Morty não é sujeito de luto. Morre sem comoção, sem marca narrativa, sem pausa. Quando falha, é trocado; quando ama, ridicularizado; quando sofre, reconfigurado. Em *A Rickconvenient Mort* (*Rick and Morty*, 2021, T5E3), após vivenciar sua primeira perda afetiva, Morty tenta elaborar o luto. Rick, zombando, converte sua dor em excesso adolescente — luto, aqui, é mau funcionamento emocional. Corrige-se com explosão ou sarcasmo.

Mesmo Rick, ao tocar o sofrimento, não é autorizado a permanecer nele. Em *Auto Erotic Assimilation* (*Rick and Morty*, 2015, T2E3), ao ser deixado por Unity, Rick tenta o suicídio. A cena, longa e silenciosa, é abruptamente interrompida — como se nem mesmo a

dor mais legítima pudesse romper a cadência da tecnopolítica narrativa. A dor de Rick não é elaborada; é descartada como bug.

E se a dor fosse apenas ruído sistêmico? E se a morte deixasse de exigir ritual — e passasse a ser só uma interrupção de processo?

Rick and Morty dramatiza, com cinismo saturado, um mundo onde a liberdade significa prescindir do outro, onde a dor é falha sistêmica e a morte, replicável, perde qualquer espessura simbólica. Brown (2015) interpreta esse processo como dissolução das bases mínimas de relacionalidade:

De fato, um dos efeitos cruciais da racionalidade neoliberal é reduzir o desejo pela democracia, juntamente com sua inteligibilidade discursiva quando ela se manifesta. [...] As chamadas boas práticas representam [...] a consolidação dos esforços do governo, do setor empresarial e do conhecimento dentro de uma episteme de mercado que, de forma sutil, elimina os valores e objetivos não mercadológicos. (Brown, 2015, p.141; 200)

A série não inventa esse mundo — ela o traduz. Mostra-o até que não reste dúvida. O poder que opera por código, que administra perdas como variável e que mata sem cerimônia não é distopia — é infraestrutura. O desaparecimento do outro pode se dar por omissão, por reescrita, por indiferença.

E se o que Rick representa não for um exagero? E se for só o próximo estágio de uma liberdade que já não reconhece o outro?

Tecnopolítica da experiência: algoritmos, obediência e soberania sem rosto

E se já não fosse preciso matar, nem mesmo excluir? E se bastasse induzir — no lugar da violência, um cálculo; no lugar da dominação, uma variável? A lógica que sustenta Rick como sujeito supremo do multiverso é a mesma que estrutura o regime do capitalismo de vigilância. Não se trata mais de ordenar o mundo — mas de antecipá-lo, ajustá-lo, moldá-lo. A técnica já não descreve a experiência: ela a preenche antes que aconteça. Rick age como algoritmo encarnado. Antecipando desvios, suprimindo afetos, reescrevendo eventos antes que eles se consolidem. A política se tornou predição. O laço, código.

Zuboff oferece o diagnóstico inaugural desse processo:

O capitalismo de vigilância reivindica unilateralmente a experiência humana como matéria-prima gratuita para ser traduzida em dados comportamentais. [...] Esses

produtos preditivos são comercializados em um novo tipo de mercado de previsões comportamentais, que chamo de mercados de futuros comportamentais. Com o tempo, os capitalistas de vigilância descobriram que os dados comportamentais mais preditivos vêm da intervenção no curso dos acontecimentos, com o objetivo de induzir, persuadir, ajustar e conduzir o comportamento em direção a resultados lucrativos. (Zuboff, 2019, p. 8)

E se o sujeito pudesse ser governado sem saber? E se o poder se tornasse invisível justamente por ter se dissolvido na linguagem da precisão? Essa mutação epistêmico-política tem implicações ontológicas: Rick transforma vidas em dados, e seus gestos não derivam de afetos ou valores, mas de uma engenharia silenciosa que atua antes do acontecimento.

No episódio *The Vat of Acid Episode* (*Rick and Morty*, 2020, T4E8), Morty recebe de Rick uma falsa máquina de salvamento. A cada “reinício”, Morty não regride: apaga e substitui realidades. Em uma dessas simulações, apaixona-se, sobrevive a um desastre aéreo, encontra sentido — até que tudo é deletado com um clique. Rick observa. Não intervém. Coleta. A destruição não recai sobre corpos, mas sobre a própria ideia de consequência. A predição substitui a deliberação. A soberania já não é exercida sobre a vida — ela a formata.

Nesse sentido Zuboff aprofunda:

Os interesses dos capitalistas de vigilância mudaram: passaram de usar processos automatizados para conhecer o seu comportamento para utilizar esses mesmos processos a fim de moldar o seu comportamento de acordo com os interesses deles. [...] Essa trajetória [...] nos levou da automação dos fluxos de informação sobre você à automação de você mesmo. (Zuboff, 2019, p. 377)

E se a autonomia fosse apenas uma interface amigável de controle? A dominação torna-se silenciosa, ubíqua, inescapável. É nesse ponto que a tecnopolítica converte-se em dispositivo de subjetivação algorítmica.

No episódio *The Ricklantis Mixup* (*Rick and Morty*, 2017, T3E7), essa forma de governo é estendida à coletividade. A Cidadela é apresentada como distopia otimizada: Mortys são classificados e controlados, Ricks exercem funções gestoras. A diferença entre os sujeitos não é mais política, mas funcional. A hierarquia emerge da capacidade de prever e se adaptar — não de resistir. Nessa configuração, o alerta de Noble (2018) ganha materialidade narrativa:

A natureza política da busca demonstra que os algoritmos são uma invenção fundamental de cientistas da computação que são seres humanos — e o código é uma linguagem cheia de significados, aplicada de maneiras variadas a diferentes tipos de informação [...]. Esses erros conduzem, cada vez mais, a perfis raciais e de gênero, à deturpação e até à exclusão econômica deliberada. (Noble 2018, p. 26-28)

E se o erro fosse sistematicamente reclassificado como ruído? Trata-se de uma estética da verdade algorítmica que naturaliza o viés como precisão — até que desapareça a possibilidade de responsabilização. Em *Rick and Morty*, esse alerta se torna alegoria.

O Rick “Presidente” manipula bancos, eleições e mídia sem força bruta — apenas com otimização. Governa organizando ciclos de retroalimentação sob o disfarce da liberdade meritocrática. A opressão não é visível: é líquida, lúdica, meritocrática. É a necropolítica algorítmica: a produção da morte social sem espetáculo, por apagamentos silenciosos e recombináveis. Rick, nesse universo, já não é rebelde: é o algoritmo que vigia o algoritmo.

Essa transição é também narrativa. Em *Never Ricking Morty* (*Rick and Morty*, 2020, T4E6), Rick e Morty são aprisionados em um “trem de histórias” controlado por um algoritmo que dita o que pode ser contado. A ruptura apenas retroalimenta o sistema. O autor que tenta escapar do controle apenas o reforça. Booth (1983) define esse efeito como “autor implícito”, a instância que estrutura a ética narrativa de forma silenciosa: “Ele é aquele que escreve a obra e escolhe, consciente ou inconscientemente, o que lemos [...], o princípio que responde pela estrutura geral, tom e conteúdo moral da obra” (Booth, 1983, p. 151).

E se o espectador fosse capturado por esse autor invisível? O riso diante da crueldade, a cumplicidade com o opressor e a estetização da desumanização revelam o esvaziamento ético promovido por uma estética da otimização. Nesse ponto, a série dramatiza o que Booth (1983, p. 378) advertia: “Vimos que pontos de vista internos podem despertar simpatia até mesmo pelo personagem mais perverso [...], forçando-nos a reconhecer o valor humano de um personagem cujas ações, consideradas objetivamente, nós deploraríamos”.

Não se trata mais de rir do poder — mas com o poder. O espectador torna-se cúmplice do código. O sujeito que emerge dessa lógica já não sente, hesita ou escolhe — apenas reage, ajusta, antecipa. Não governa — simula. Não decide — executa. E, nesse modelo de subjetividade saturada, otimizada contra o erro e imune à alteridade, a comédia de *Rick and Morty* encontra sua fábula mais ácida.

A comédia do colapso: o sujeito neoliberal entre ruína e repetição

E se o riso deixasse de redimir? E se, em vez de operar como antídoto, ele se tornasse engrenagem — um lubrificante afetivo da máquina? *Rick and Morty* nos conduz a esse ponto: onde o sujeito é código, a liberdade se converte em automatismo e a comédia abandona a crítica para aderir ao algoritmo. Rick não é exceção: é sintoma. Sua existência serial, invulnerável e

sarcástica encarna uma racionalidade em que o vínculo é falha, a dor é ruído e a ética, um bug corrigível. A série não denuncia, nem propõe; apenas exhibe, por saturação, os paradoxos de um mundo onde o riso não emancipa — apenas anestesia.

Rick Sanchez dramatiza a figura do sujeito moldado pelo neoliberalismo radical: soberano, autossuficiente, tecnicamente engenhoso — encarnação especulativa do ideal libertário em sua forma extrema. Ao recusar normas e instituições, representa aquilo que sobra quando o contrato social implode. Contudo, *Rick and Morty* não o celebra: o expõe como disfunção. Sua liberdade, reiterada a cada episódio, tem como custo a instabilidade de todos ao redor. Mesmo seus gestos mais generosos são tragados por uma narrativa que neutraliza qualquer afeto. Emoção é falha. Ética, instabilidade sistêmica.

É nesse ponto que Mbembe (2016) reorienta o olhar sobre a soberania. O poder absoluto não se define pela autonomia, mas pela capacidade de decidir sobre a vida do outro. Rick não precisa desejar o poder — ele o exerce automatizadamente:

[...] minha preocupação é com aquelas formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas "a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações". [...] Tais como os campos da morte, são elas que constituem o *nomos* do espaço político em que ainda vivemos. [...] Essa também é a definição de conhecimento absoluto e soberania: arriscar a totalidade de uma vida. (Mbembe, 2016, p. 124-125)

Mesmo quando confrontado com estruturas de regulação, como no episódio *Close Rick-Counters of the Rick Kind* (T1E10), Rick deslegitima o julgamento com sarcasmo. A sanção evapora. A culpa se converte em piada. Sua soberania não é apenas simbólica — é a desativação de qualquer código normativo.

A questão, então, não é psicológica, mas estrutural. Entre a utopia da autonomia irrestrita e a necropolítica do descarte, Rick se torna caricatura da ruína do sujeito. E é nesse colapso funcional que a série esboça sua crítica mais ácida: a liberdade, quando radicalizada, dissolve o laço, a responsabilidade, o outro.

Zuboff (2019) fornece uma chave para esse processo. No capitalismo de vigilância, o poder já não exige obediência — apenas previsibilidade:

Com o tempo, os capitalistas de vigilância descobriram que os dados comportamentais mais preditivos vêm da intervenção no curso dos acontecimentos [...]. Nesta fase [...], os meios de produção são subordinados a um "meio de modificação comportamental" cada vez mais complexo e abrangente. (Zuboff, 2019, p. 377-378)

Rick antecipa, corrige, reprograma. Não há escuta, apenas resposta. Não há hesitação, apenas otimização. Sua infalibilidade não é humana — é algorítmica. Como observa Noble (2018), os algoritmos, longe de neutros, são expressões codificadas de interesses:

A natureza política da busca demonstra como os algoritmos são uma invenção fundamental de cientistas da computação — que são, afinal, seres humanos — e como o código é uma linguagem cheia de significados, aplicada de maneiras variadas a diferentes tipos de informação. (Noble, 2018, p. 27)

A ética, nesse sistema, é substituída por eficiência. A narrativa não nos conduz ao espanto — mas à adesão. O espectador torna-se cúmplice da simulação, rindo da violência que já não reconhece como tal. O sujeito que emerge dessa lógica já não sente, nem escolhe: apenas ajusta. Não governa — simula.

E se a liberdade radicalizada implicasse a ruína do sujeito? Nesse espelho distorcido, Rick não é herói nem rebelde. É engrenagem. Sobrevive porque já não precisa de mundo. Sua liberdade, afiada e opaca, não toca mais ninguém. E é nesse silêncio — onde já não há luto, vínculo ou consequência — que a comédia se revela como alegoria terminal. O neoliberalismo radicalizado não emancipa. Apenas nos prepara para desaparecer sem resistência.

Considerações finais: e se já estivéssemos dentro?

E se *Rick and Morty* não fosse uma sátira futurista, mas um diagnóstico especulativo de agora? E se o multiverso que a série encena não for um delírio, mas uma extrapolação lógica do mundo que já começamos a habitar — este mesmo, onde o vínculo humano cede lugar ao cálculo, o afeto à eficiência, a dor à estatística? E se, por fim, o que nos inquieta em Rick não for o excesso, mas a semelhança?

Este ensaio partiu dessa provocação — não para descrevê-la, mas para vivê-la metodologicamente. Adotamos, com seriedade experimental, a escrita especulativa como forma de pensamento filosófico (Uckelman, 2024), permitindo que os elementos da narrativa animada fossem tratados não como alegoria, mas como realidade em potência. A ficção se tornou hipótese; a hipótese, lenta; a lenta, fissura.

Rick sobrevive. Versão após versão, ele reaparece. Sua continuidade não é épica — é operatória. Ele não resiste: reinicia. Sua autonomia, longe de libertária, é sintomática de um regime em que o outro deixou de ser condição de existência. Rick não precisa amar, nem perder,

nem lembrar. E porque não precisa, tudo ao seu redor se torna dispensável. Inclusive Morty. Especialmente Morty.

A liberdade que Rick encarna não é uma conquista: é uma amputação. Uma forma de funcionamento que se desfaz do laço, da hesitação, da responsabilidade. O que resta é um tipo de soberania pós-humana: uma autoridade que governa sem declarar, mata sem ruído, edita sem testemunho. O multiverso, nesse quadro, é a metáfora última da desistência. Não há futuro a conquistar — apenas mundos a descartar.

Mas e se o gesto final da série for outro? E se *Rick and Morty* não apenas nos mostrar a falência do sujeito neoliberal, mas também a falência da crítica que ainda depende de um lugar fora do sistema? E se rir já for obedecer? E se entender for tarde demais?

Ao empurrar seus personagens (e seus espectadores) para esse limiar, a série não propõe uma saída — propõe um espelho. Mas não um espelho transparente. Um espelho saturado, instável, que retorna nossa imagem fragmentada, pixelada, repetida à exaustão. Um espelho onde o riso é o som do colapso.

Se for assim — se estivermos mesmo dentro —, talvez a pergunta mais urgente não seja "como escapar?", mas "quem ainda está disposto a sentir?". Porque enquanto Rick continua — otimizado, reconfigurado, irrelevante a si mesmo — Morty continua morrendo. E talvez seja justamente aí, nesse corpo que ainda hesita, nesse afeto que ainda treme, que resista algo do que restou do humano.

Referências

BOOTH, Wayne C. *The rhetoric of fiction*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

BROWN, Wendy. *Undoing the demos: neoliberalism's stealth revolution*. New York: Zone Books, 2015.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Revisão técnica de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

HUERTA DE SOTO, Jesús. Liberalismo clássico versus libertarianismo. *Instituto Mises Brasil*, 14 out. 2023. Disponível em: <https://mises.org.br/article/482/liberalismo-classico-versus-anarcocapitalismo>. Acesso em: 6 jul. 2025.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução: Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

NOBLE, Safiya Umoja. *Algorithms of oppression: how search engines reinforce racism*. New York: NYU Press, 2018.

ROILAND, Justin; HARMON, Dan. *Rick and Morty*. [Série animada]. Adult Swim, 2013.

– Auto erotic assimilation. *Rick and Morty*, Temporada 2, Episódio 3. Exibido em: 9 ago. 2015.

– A rickconvenient Mort. *Rick and Morty*, Temporada 5, Episódio 3. Exibido em: 11 jul. 2021.

– Close Rick-counters of the Rick kind. *Rick and Morty*, Temporada 1, Episódio 10. Exibido em: 7 abr. 2014.

– Edge of Tomorty: Rick die Rickpeat. *Rick and Morty*, Temporada 4, Episódio 1. Exibido em: 10 nov. 2019.

– Never Ricking Morty. *Rick and Morty*, Temporada 4, Episódio 6. Exibido em: 3 maio 2020.

– Rick Potion #9. *Rick and Morty*, Temporada 1, Episódio 6. Exibido em: 27 jan. 2014.

– The Ricklantis Mixup. *Rick and Morty*, Temporada 3, Episódio 7. Exibido em: 10 set. 2017.

– The Old Man and the Seat. *Rick and Morty*, Temporada 4, Episódio 2. Exibido em: 17 nov. 2019.

– The Vat of Acid Episode. *Rick and Morty*, Temporada 4, Episódio 8. Exibido em: 17 maio 2020.

UCKELMAN, Sara L. Fiction writing as philosophical methodology. *Principia: An International Journal of Epistemology*, Florianópolis, v. 28, n. 3, p. 453–475, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5007/1808-1711.2024.e98571>.

ZUBOFF, Shoshana. *The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power*. New York: PublicAffairs, 2019.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v17.n39.11>

Submetido em: 08/07/2025

Aprovado em: 27/10/2025